

JÚLIA BRAGANÇA

A
AMARGA
INOCÊNCIA
DE
AMÁLIA



MAR MORTO
- EDITORA

A
AMARGA
INOCÊNCIA
DE
AMÁLIA

SOBRE NÓS:

A Companhia Artística “Mar Morto”, foi fundada a 1 de dezembro de 2019 por *Marco Polo* ao lado de *Josias Currie* e *Marcia Mendes*.

A comunidade tem como objetivo divulgar e apoiar as carreiras de artistas essencialmente nacionais, desde os veteranos aos iniciantes. Dando a qualquer amante da arte a oportunidade de mostrar seus talentos do interior para o mundo.

Incitar a criatividade pessoal é marca da comunidade.

A comunidade está vinculada à *Mar Morto – Editora*. E aos serviços da editora, tenciona publicar livros através de projetos pessoais e antologias diversas proporcionando um senso de realização a novos escritores e desenvolver de maneira regular o hábito de leitura na sociedade em geral.

Encontre-nos aqui:

marmortoeditoraografica.blogspot.com



Edição: **Mar Morto – Editora**
Direção e produção editorial: **Marco Polo**
Título: **A Amarga Inocência de Amália**
Autor(a): **Júlia C. Bragança**
1ª edição
Revisão: **Josias Currie; Isabel de Lourane; Marco Polo**
Projeto gráfico e diagramação: **Josias Currie; Marco Polo**
Designer de capa: **Josias Currie; Marco Polo**
Isbn: : 978-989-9093-08-7

Contactos da *Mar Morto – Editora*

Tel: (+224) 924857709/ 939634205/ 922696711

Whatsapp: (+244) 924857709/ 939634205

Email: editoramarmorto@gmail.com

Conta facebook: [Mar Morto](#)

Páginas facebook: [Mar Morto – Editora;](#)
[Escritos do Mar Morto](#)

Grupo facebook: [Escritos do Mar Morto](#)

Site: marmortoeditoraografica.blogspot.com

Samba — Luanda — Angola

Copyright © 2021

Júlia Bragança | Mar Morto - Editora

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida ou utilizada sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor ou dos editores.

® Mar Morto



*“A amizade é uma relação estabelecida
entre uma chave e um cadeado.”
— Júlia Bragança*

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra em memória dos meus eternos irmãos NÁDIA CLÁUDIA FRANCISCO BRANCO, LEONEL DORIVALDO F. BRANCO e HERLANDER TAVARES CUSSEBA, ao meu querido KELTON ALEXANDRE “o padrinho”, e a todos que ainda fazem parte dos meus dias, especialmente aos meus familiares e amigos.

ÍNDICE

Prefácio

Obrigada pelo gesto

Não estou nada bem

A inocência de Amália

A foragida da lei paternal

A amargura de Amália

O livramento que se aproxima

Um encontro revelador

Os dados estão lançados

Bem-vinda ao mundo

Agradecimentos

Sobre a autora

PREFÁCIO

Não é todos os dias que nos deparamos com artistas com coragem para expor de forma clara temáticas que constituem parte dos problemas sociais de sua realidade. Júlia Bragança traz até nós uma obra de ficção, cercada de uma prática que tem sido comum nos últimos anos em Angola, “O Incesto”.

Essa prática é condenável em África, por violar o relativismo cultural. Tal prática representa um comportamento irresponsável e patológico.

Os pais e outras entidades educacionais têm como missão preparar os filhos para enfrentarem o processo de socialização e não “abusar sexualmente” deles, protegê-los é sua missão. Comportamentos do género têm outras implicações a nível da sociedade, uma vez que o agressor poderá ser submetido a um primeiro julgamento no seio familiar e, posteriormente, pela sociedade, através dos tribunais.

O comportamento adoptado pelo progenitor é condenável e não se ajusta na estrutura familiar, uma vez que, do ponto de vista moral, viola os preceitos culturais das famílias africanas. Espera-se do pai e de outras entidades, enquanto agentes de socialização, uma orientação positiva na transmissão de valores culturais aos filhos.

Neste conto, a autora nos elucida quanta as possíveis possibilidades destes agressores sofrerem de perturbações mentais, porque sociologicamente marca uma rotura com o processo de socialização do agredido, uma situação que não é característica da nossa sociedade.

No seio angolano, alguns pais tratam as filhas como “mulheres da noite” e quando estas são pedidas pelos

maridos, muitos não aceitam e, nalguns casos, mostram resistência, o que pode fazer com os mesmos privem o direito de liberdade a suas filhas. Este último ponto foi destaque na trama.

E isso é tão verdade que muitos recorrem aos curandeiros e fazem promessas, outros usam drogas e adoptam um comportamento negativo, violando as filhas.

Em Angola, é comum em algumas famílias haver o incesto como uma prática “normal”.

“Pouco falamos porque poucos estudos se fazem.”

Nesta obra, encontraremos elementos daquilo que marca um conto não só envolvente, mas corajoso.

Desejo bom proveito e que mergulhe e perceba a *Amarga inocência de Amália*.

Marco Polo

Escritor. Editor. Designer
CEO da Comunidade Artística Mar Morto

*“Uma moeda possui sempre dois lados.
Observe-os.”*

OBRIGADA PELO GESTO

ENTRE TANTO AMOR, aventuras e brigas..., Mirco amava Amália; foram quatro anos de namoro que assim definiria. O emaranhado teve início em uma manhã...

Mirco conheceu Amália no supermercado. Ela ia comprar medicamentos na farmácia para a sua mãe, Anita. Foi quando Amália parou na frente da fila de calçados, admirando tamanha beleza, cuja renda dos seus bolsos não estava à altura.

Amália era a única filha de Anita. Tendo passado a vida sem conhecer o pai, a mãe nunca teve a iniciativa de contar alguma coisa à Amália e ela, para não causar desconforto, nunca se atreveu a perguntar algo a respeito.

Quando Mirco, de longe, reparou na jovem que babava perante os calçados, aproximou-se a ela e disse:

— Oi, tudo bem com você?

— Tudo sim. Alguma coisa?

— Sim, será que podes ajudar-me?

— Em quê? Caso queiras alguma informação, chame o gerente, ele está lá! — disse ela e pela rotação do corpo parecia querer retirar-se logo da presença tão ousada do rapaz.

— Espera!

Mirco tenta travar Amália pelos braços, porém sem sucesso.

— Eu quero... comprar uma sandália para a minha sobrinha, sabe!? Fazer-lhe uma surpresa — continuou

Mirco — podes dizer-me quais são os calçados de que mais gostastes para que eu possa comprar uns iguais?

— Quanto é que ela calça?

— *Hum*, deixa ver... o pé dela é do tamanho do seu, se não me engano. Podes experimentá-los e eu levarei assim mesmo. Se ela gostar, quem sabe ainda levas um!

A proposta era tentadora, afinal, o que ela tinha a perder? No entanto, não se atreveria a aceitar de primeira. Ele ainda era um desconhecido. Amália sorri enquanto diz:

— E quem foi que disse que eu preciso do seu dinheiro?

— Desculpa, não a quis ofender.

— Está bem. Este aqui ficará bem nela. Ó, esta também. E esta. Espero que ela tenha os mesmos gostos que eu.

— E os teus, não levas?

— Hoje não dá. Fica para uma próxima ocasião.

Tchauzinho!

— Hei, espera, vamos juntos ao caixa...?

— E por que eu iria contigo?

— Gostaria de ir contigo até à saída.

Tendo chegado ao caixa, o jovem fez o pagamento das suas compras e a Amália pagou os medicamentos. Ao saírem, ela parou à beira da estrada, gesto que inquietou Mirco.

— O que fazes aí parada?

— Estou à espera de um táxi, óbvio!

— Venha para aqui, levo-te à casa, guarde o dinheiro para outra ocasião.

No carro, os dois foram em direção à casa da Amália em um silêncio desconfortante, só trocavam algumas impressões quando Amália precisasse indicar o caminho.

Mirco conheceu a dona Anita, ficou uns bocados com elas em sua humilde casa.

— Ora muito bem, minhas queridas, agora tenho de ir para casa. E Amália, isso é para ti — disse ele, entregando a sacola onde constava os ténis e as sandálias.

— O quê? Uma ajuda para levar ao carro?

— Não, não senhorita. Agora são suas.

Amália ponderou recusar, mas a sua mãe interviu:

— Oh, filha... não se nega um presente. Ainda mais vindo de...

— Ah mãe! É claro. É claro. Obrigada pelo gesto, não precisavas te incomodar.

— Eu vou. Espero vê-las novamente.

Partindo deste ponto da história, começou uma intensa amizade entre Mirco e Amália. Só depois de várias investidas por parte de Mirco teve início o tal namoro entre os dois. Até que, um dia, Amália liga para Mirco:

— Alô, amor?

— Sim...

— Estás bem? Será que podemos nos encontrar na Hot Dog?

— Sim... estou bem, e a regressar agora do ginásio. Nos encontramos daqui há quanto tempo?

— Uma hora está bem pra você?

— Perfeito. Até lá. Beijos!

NÃO ESTOU NADA BEM

AO ESTACIONAR O CARRO perto da hamburgueria Hot Dog, Amália recebeu-lhe com um sorriso, daqueles que Mirco mais amava. Ele cumprimentou-a com um beijo na boca. Ao notar que nem tudo parecia normal, Mirco pergunta o que se passa, mesmo assim Amália não se permitia falar.

Ao fim de alguns segundos de suspense, ela retirou da bolsa no uma folha dobrada — que pelos vistos já esteve agrafada — e estendeu-a ao homem da sua vida.

Receoso de que Amália estivesse doente, Mirco leu com atenção cada palavra do comprovativo com uma atenção incomum. Quando deu conta do que se tratava, soltou um grito despreparado:

— Eu vou ser pai! PAI!...

— *Não, serás vovô, doido!* — troçou Amália.

Mirco ignorou tal sarcasmo pela imensa alegria; de tão contagiado que estava, que prometeu a Amália:

— Oh, amor, como eu te amo. Nunca ninguém te amará como eu. Como consequência dessa surpresa, fico a dever-te uma viagem à um lugar que tanto amas.

— E onde seria este lugar que tanto amo?

— Jardim zoológico, é claro!

— Odeio animais!

— Não me pareces feliz com a notícia, Amália.

— Mirco, queres saber a verdade? — pergunta ela.
Claro que quero!

— Eu estou com medo de ser mãe! — confessou.

— Por quê?

— Porque eu olho para a minha mãe e vejo o que ela passou para me criar. Sem capacidades financeiras, zungou comigo nas costas, cuidou-me com unhas e dentes, até comecei a trabalhar muito cedo para ajudá-la nos gastos de casa, mas o salário não era assim grande coisa. E ainda tem a história do meu pai e... não quero isso para esta criança. Eu...

Mirco tomou as mãos de Amália nas suas por cima da mesa e disse com doçura:

— Pára com isso! Estarei sempre aqui, bem ao seu lado. Seremos pais maravilhosos e não faltará nada para o nosso filho...

— Ou filha — completou Amália, agora sorrindo aliviada por saber que tinha o apoio do seu amado.

Depois da boa nova que Amália tinha a declarar, ao fim de dois meses, Mirco pediu a mão de Amália em casamento em público, na visita ao zoológico. Os dois casaram-se um mês depois no registo civil sem ter revelado ainda sobre a gravidez, cumprindo assim a comum história de dois garotos que se amam. Até aqui...

Estando na Holanda durante 6 meses depois do matrimônio, Amália, com muitas dores, é levada ao Hospital.

A primeira parecia uma bola de neve coberta de sangue, linda e ingênua. Esta foi levada por uma enfermeira depois de tudo. Mas a segunda, depois de muita luta ao empurrar, Amália pressentiu que já não aguentaria de tanta dor e disse:

— Cuide bem das tuas filhas...

— Pare de falar besteiras, Amália. Tu não vais a lugar algum.

Os olhos de Amália oscilavam: ora abriam, fechavam, abriam, fechavam. Até que a imagem das coisas perdeu a nitidez e o monitor multiparâmetro de sinais vitais, que acompanhava os batimentos cardíacos da Amália, era agora uma linha reta. “*Pimmm*”. E os olhos de Amália nunca mais se abriram.

Os médicos, desesperados, tentavam lutar contra a natureza e a verdade que se apresentava. Porém, sem sucesso.

Horas depois, já pela madrugada, Mirco encontrava-se com a cabeça na bancada de um bar fedorento, encharcado de cerveja barata e ouvindo *See You Again* que o idiota que trocava os discos insistia em repetir. Idiota do DJ. Na Holanda, com um oceano a separar-lhe da família e dos amigos para partilhar o quão lixo humano ele sentia ser por não conseguir evitar a... *See You Again*. Que dor! Sem sua amada, sem sua outra filha, nunca mais. *Don't Go Ye, baby! Don't!*

E repetiam a música até o término da noite, com a cabeça no balcão e dores múltiplas no coração.

Dois dias depois, a permissão de levar a filha do hospital lhe foi dada pelo médico.

— *Tu vais chamar-te Amália* — disse Mirco em uma voz infantil quando tomou a bebé em seus braços. Por dentro, um pingote de raiva por esta pequena forma de vida

nascia, pois se ela não nascesse, se nada disso fosse real, sua mulher ainda estaria aqui.

A INOCÊNCIA DE AMÁLIA

PASSANDO CINCO ANOS na Holanda, o pai e a filha voltaram para Angola.

Atordoado com o novo modo de vida, Mirco decidiu contratar uma babá para ela. Se bem que fossem babás, pois a cada ano ele trocava uma por outra porque não quis que Amália se apegasse a nenhuma delas. Só uma fora sua mãe, aquela que dera a própria vida para que ela nascesse. Sempre em casa, nunca teve contacto com a rua. Só com o pai e com as várias babás, como na sua festa de aniversário de 10 anos.

Como fazia em todos os aniversários da pequenita, Mirco comprava um bolo, sumos e muitos presentes, para suprir a ausência das amigas que a filha não tinha. Para si, é claro, uma garrafa de vinho do grau mais elevado e fazer do momento o mais melancólico de todos.

Nem por tal, a pequena Amália era boa apreciadora dos gestos que seu pai fazia, agradecendo por cada presente que pareciam cada vez mais perfeitos. Ela achava que no mundo só existiam eles, pois o pai incutiu isso em sua cabeça. Tudo que ela sabia, o pai é que a ensinava; Amália era como seu peluche, não deixava ninguém se aproximar a ela. Seu único porto seguro era ele.

O facto de ser membro de uma família muito poderosa tornava-lhe dono de grandes fortunas no país, o que contribuiu, com a dor, para uma vida monótona aos 28 anos, sem grandes objectivos com a vida.

Conforme os anos foram passando, a máscara de pai “Superprotetor” de Mirco foi caindo paulatinamente. Já com os seus 17 anos, Amália era uma moça com um corpo formado. Apesar da idade, pela falta de contacto social, ela ainda vagueava pela sala de calcinha e uma blusa curtinha que seu pai tinha comprado, ficando em pé ao meio da sala vendo na tevê séries para adolescentes e babando, inocente, para os garotos.

Em um dia destes, sem receio do pai que tanto amor demonstrava, Amália assistia na sala em sua vestimenta inocente sobre o mundo. Logo após a série terminar, Amália vai para o banheiro. Quem também vai é o seu pai, Mirco. Parou na porta do quarto de banho, pensou em Amália e hipnotizado não soube se sussurrara ou apenas pensara as palavras: *“Amália a cada dia se parece mais com a mãe, e isso está me deixando louco. Uma segunda chance de Deus. O pastor disse que ele dá a todos. Cadê a minha? Pois é... Aqui está, à oito metros de mim”*.

Na procura de uma segunda chance, Mirco bateu a porta e Amália respondeu de costas para a entrada:

— Pode entrar.

E ele entrou. Só tinha olhos para ela agora. Que corpo desenvolvido... esbelto... a cópia da mãe, linda.

– Que tal banharmos juntos hoje?

Ela, constrangida, sem querer ser interpretada como ingrata e desobediente por parte de alguém que tanto fizera por si, e em quem ela confiava totalmente, apenas diz:

— Sim, apenas deixa...

Sem ela terminar, o pai tira a roupa e ela virou-se, tapando as suas partes íntimas com as mãos. Amália olha para ele sem terminar de falar. Ele entra no banheiro, molha-se, põe suavemente a mão sobre o quadril dela e diz:

— Hoje vou ensinar-te uma coisa nova, queres aprender?

Olhou no fundo dos olhos castanhos do pai e respondeu que sim.

— Esqueça agora que sou seu pai, e olha-me como um homem de verdade.

Mas ela não entendeu bem esse *Homem de Verdade* e interrogava-se se houvesse homem de mentira, e se sim, o que faz um homem ser de *verdade*.

Enquanto pensava, ele beijou-a, passou a mão nos seios dela com a mesma suavidade de antes, fez carícias ao corpo, apertou os seios dela e, excitando os mamilos, viajava pelo seu corpo, consumando o acto, matando a sua virgindade...

Amália aprendeu, certamente, uma coisa completamente nova. Perdeu sem medo, porque sempre foi apologista da ideia que o seu pai só queria o seu bem, nunca lhe faria mal algum e que ele era o seu super-homem. O *Homem de Verdade*.

O pai sempre a ensinou que devia ter amor ao próximo, então, se não fosse ele, quem era o próximo?

No dia seguinte, ela, vestida à sua maneira, vai ter com o Mirco e pergunta:

— Ó pai, o que foi aquilo que a gente fez? Ou como se chama?

— Filha, senta aqui ao meu lado. — Pôs a mão sobre a coxa da filha e responde — Aquilo que a gente fez chama-se amor. A gente fez amor! Gostou?

— Sim gostei — respondeu, com um sorriso tímido.

— Queres repetir?

— Tu queres?

— Eu estou disposto a fazer sempre que tu quiseres, meu amor!

Mirco estava achando que cumpriu o seu objectivo, criou a sua mulher que vai o satisfazer sempre que ele quiser e que não deve se preocupar com mais nada, porque ele era a única pessoa na vida de Amália.

Recuperou a sua autoestima e voltou a trabalhar.

Alguns meses depois de Amália ter completado 18 anos de idade, Mirco voltou do trabalho completamente bêbado. Quando abriu a porta da sala, era a Amália, a sua, que estava de frente a tevê como habitual, só que dessa vez passava um documentário sobre o abuso sexual.

Isso mexeu com a cabeça de Amália, pois ela era inocente e não sabia que aquilo que o pai fazia com ela era um abuso, ela ficou confusa, porque na tevê aquilo era tido como violência, e o pai fazia com amor. Então ela concluiu que eram coisas diferentes e deu razão ao pai, os outros são perversos e anormais, o mais seguro é estar ao lado dele.

O pai chegou em casa embriagado, totalmente fora de si. No seu quarto grita por Amália.

— Amália!

— Sim, já vou papai.

— Já te avisei, para de me chamar de papai, chama-me de amor, vem pra cá.

— Desculpa, estou aqui, amor.

— Deita-te aí e tira a... a... a *roupa*! — Mirco abriu a fivela do cinto e baixou o zíper.

Amália obedeceu ao pai e tirou a roupa.

Abusou-a de todos os modos nesta noite.

Ela foi para o seu quarto, chorou durante toda noite, reclamava de dor na coluna, e que lhe ardiam os olhos. Adormeceu.

No dia seguinte, Mirco não se lembrava de nada, foi para o trabalho. E voltou mais cedo.

Chegou em casa, deu um beijo na Amália e foi para o quarto dormir, estava com um cansaço que não sabia de onde vinha.

Amália aqueceu a comida de Mirco e o chamou para comer.

— Então, e tu não vais comer, Amália?

— Estou sem fome.

— Estás muito estranha. O que se passa? Nunca ficaste sem comer a estas horas!

— Nada não! Não se passa nada.

E aquele dia passou como os dias que prosseguiram na semana. Amália sempre martelando a cabeça sobre aquilo que assistiu e o comportamento de Mirco. E Mirco martelando a cabeça do porquê que Amália anda tão cabisbaixa, ele ensinava muita coisa boa à Amália, mas, apenas coisas do seu interesse, que não o colocassem em perigo, coisas básicas e simples, coisas sobre o mundo que ela não sabia e que tipo de pai seria se deixasse o mundo mostrar sua maldade para ela sem lhe ter preparado?

Grande parte do que ela sabia aprendeu na tevê, que sabemos nós que maior parte é ficção, nem sempre tem a ver com a realidade. Mirco sabia muita coisa sobre a vida, até porque tinha vários diplomas e experiências vividas.

A perda da mulher e da outra filha mexeu psicologicamente com ele, tornou-se fechado, pois quis tapar o seu vazio e achou que afastar a Amália do mundo era a melhor coisa a fazer.

Achava que as suas atitudes eram totalmente normais, que não afetaria ninguém, muito menos a Amália, pois ele só a protegia. Um espírito paternal é, sobre tudo e todas as coisas, um espírito protetor.

Em uma das raras oportunidades que tinha de estar só por seu pai — *amor, marido* — estar no trabalho, Amália rabiscou o número que passava no rodapé da tevê sobre violência infantil e guardou-o.

Em outra ocasião, quando foi oportuno, ela discou o número no telefone fixo de casa.

— Alô sim, boa tarde, com quem temos o prazer de falar?

— A... A... Amália.

— Sim, Senhora Amália, o que deseja com os nossos serviços?

Ela não estava preparada, não sabia o que responder, desligou bruscamente o fixo, coração acelerado, com medo. Primeiro pelas incertezas sobre a funcionalidade daquele aparelho que tanto lhe fascinava, como podia emitir sons assim do nada? Havia algo lá dentro? Ó, Deus... e segundo, era o abuso. Poderia ser assim considerado?

O que Anália não podia suspeitar era que Mirco, como uma das suas medidas paternas de proteção baseada no amor que tinha pela filha, contratara há tempos um especialista em tecnologias de informação e comunicação para garantir que qualquer uso destes meios vindo de sua residência – o paraíso que com tanto esforço construía para sua querida — fossem de seu conhecimento. Daí o sinal lá no serviço que ele recebeu.

Amália falava consigo mesma. Ela insistia que tem de voltar a ver programas parecidos. Mas coberta de medo,

porque se por acaso Mirco descobrisse a chamada que tinha feito...

Mirco chegou em casa no final da tarde todo chateado, disposto a dar com tudo em Amália, mas, quando entrou com a cara trancada, Amália sai disparada do sofá e dá-lhe um abraço. Ele não entendeu o porquê ela fez aquilo, sinceramente, perdeu até a coragem de *dar com tudo* nela que nem tocou no assunto.

— Amália?

— Sim.

— Prepara-te como uma princesa que és, vamos dar um passeio.

— Mas para aonde, amor? Pela casa mesmo?

— Não, hoje vamos para um lugar diferente, vamos a uma festa.

— Festa? Onde só estaremos nós os dois?

— Não! Terá outras pessoas, iguais às que vês na tevê.

— Jura?

— Se alguém perguntar se és o quê para mim, responde amiga, ok?

— Está bem.

— Claro, sou seu melhor amigo mesmo, não é?

— Sim. E não posso dizer que sou sua filha?

— Não, vais estragar a surpresa, amor!

— Oh! É uma surpresa! Ok, como o dizes, assim será!

A FORAGIDA DA LEI PATERNAL

CAMILA, TODA ENTUSIASMADA, se joga nos braços de Mirco.

— Ainda bem que vieste e não arranjaste mais das suas desculpas esfarrapadas de homem super ocupado para não apareceres ao meu aniversário.

Virou-se para Amália e cumprimentou-a.

— Olá, minha jovem. Tudo bem? És a acompanhante de Mirco... sim?

— Sou amiga.

— Tanto faz, amor. O importante é que vieram juntos.

— Obrigado, Camila. Pegas uma bebida pra mim?

— Mas é claro, gato! O teu pedido é uma ordem.

E Camila foi pegar as bebidas.

Mirco disse a Amália que o esperasse aí, que iria ter com Camila. A demora foi tanto; até que chega o Cláudio, convidando Amália para dançar.

— Olá, princesa. Aceitas dançar comigo?

— Oh! Desculpa, mas não sei dançar!

— Deixa que eu te ensine. Tu me permites?

— Mas eu não sei!

— Então aceitas tomar um sumo ou qualquer coisa? Consomes bebida alcoólica?

— O que é bebida alcoólica?

— O que é o quê!?

— O que é bebida alcoólica? Porquê estás a rir, falei algo de errado?

— Não, não, não falaste nada de errado. Mas tu não sabes *mesmo* o que é bebida alcoólica?

— Não, será que dá para me ensinar logo?

— Oh, desculpa, *madamme*. — Supondo tratar-se de uma brincadeira, Cláudio continuou, hostil. — Bebida alcoólica é todo líquido que contém álcool, álcool é o que se obtém de substâncias fermentáveis. Entendeu?

— Acho que sim. E isso é bom?

— Nunca provei, mas arriskas um pouco comigo?

— Não me vai fazer mal?

— Não, só um copo.

— Está bem.

E esta foi a primeira vez que Amália bebeu.

Ela lembrou-se que não sabia o nome do jovem com quem já se aventurou e lhe levava a conhecer esse caminho alternativo.

— Qual é o seu nome? — perguntou ela.

Ele sorri antes de responder:

— Desculpe pelo inconveniente, ainda não nos apresentamos. Prazer, eu sou o Cláudio, irmão da aniversariante. E tu?

— Sou a Amália.

— Onde vives?

— Hum... numa casa trancada, essa é a primeira vez que saio para a rua e vindo a uma festa!

Cláudio não aguentou conter os risos. *Realmente, que garota interessante! Devo ter rido com ela o máximo que ri com uma mulher nos últimos anos.* Pensou Cláudio.

— E eu a pensar que nunca curtiria uma festa com uma foragida da lei...

— Foragida da lei, o que é isso?

— Amália, nem isso tu sabes?

— Desculpa, não quis incomodar com as minhas interrogações bobas. Já não perguntarei nada, mas responde-me apenas essa!

— Foragida da lei é aquela pessoa que por delito criminoso, se esconde.

— Ah! Está bem, eu não sou criminosa. E se por acaso tu fores escondido por outra pessoa, como é que isso se chama?

Cláudio preparava-se para responder quando Camila chamou por eles. Era para os quatro conhecerem-se oficialmente, pelo que Mirco apresentar-se-ia como o seu futuro namorado, o que a inocente Amália não poderia perceber, e quando deram as costas ele beijou-a, tendo recebido um sorriso malandro de Camila como quem não quer a coisa. Depois de atenderem ao chamado, continuaram.

— Então, Amália, qual foi mesmo a pergunta que me fizeste?

— Já não me lembro. Mas, deixa estar. Preciso ir ao banheiro, mostras-me onde é?

Subindo as escadas, Cláudio observava o andar provocante de Amália, abanando a cabeça e pensava: *‘talvez ela tenha namorado, melhor não criar coisas na minha cabeça’*. Ela tropeçou num degrau, Cláudio agarrou-a pela cintura, ela olha para ele, Cláudio aproxima-se e beijá-a.

Amália, após o beijo, afastou-se e sem ir mais ao banheiro desceu as escadas para se ir embora. O que deixou em Cláudio a ideia de ter cometido um crasso erro.

Minutos depois, foi atrás dela, e viu-a a fechar a porta do carro, com Mirco lá dentro.

E foram-se embora.

A AMARGURA DE AMÁLIA

JÁ DIZIAM OS POETAS do antigamente que a viagem mais prazerosa de todas é aquela que nos leva em direção a casa. Por isso, só depois de terem chegado, Mirco pergunta para Amália:

— Amália, gostou do lugar novo?

— Sim — respondeu, indiferente.

— Aconteceu alguma coisa de errado?

— Não, não. De modo algum. Só estou cansada!

Agarrou com força o braço da Amália e disse:

— Nunca mais me responda assim com tanta frieza.

— E tu, não me agarra desta maneira — retruca

Amália.

— Estás me desafiando, é?

Com medo do que prolongar o desentendimento com um homem como ele poderia resultar, Amália disse:

— Não, desculpa. O problema é que nem sequer ficaste do meu lado um instante, só com aquela jovem, nunca me senti tão longe de ti.

— Hei, desculpa, tá? Ela é só uma amiga, e tu és o amor da minha vida, nunca te trocarias por ninguém, senão a tua mãe não me perdoaria, antes de morrer pediu-me para cuidar-te.

— Eu tenho uma mãe? Por que nunca me disseste?

— Porque já não tens, ela morreu. Nunca te disse nada sobre isso porque tinha medo do próprio medo.

Duas semanas depois, Cláudio teve uma conversa deveras decisiva com a Camila.

— Camila, quero desabafar!

— Sim, pode dizer mano!

— Tu és muito amiga desse tal de Mirco não é?

— Sim, por quê?

— Quero que liguês para ele e o convides para sair e talvez ele traga a Amália com ele.

Camila interrompe:

— Gostaste dela, não gostaste?

— Não, só quero pedir desculpas a ela!

— O que fizeste?

— Já não aguentava mais, beijei-a.

Duas horas depois, Camila liga para Mirco:

— Alô, Mirco?

— Sim, Camila, amor, tudo bem com você?

— Tudo..., quero fazer um convite a você.

— Manda vir, meu bem!

— Vamos jantar hoje, mesa para quatro pessoas, eu, tu, o meu irmão e a tua prima se for possível para fazer companhia ao meu irmão, topas?

— Obviamente que topo, para estar com você, eu faço até o impossível!

— Então, até às 19:30!

— Está bem, beijos!

— Tchau.

Desligou a chamada.

— Cláudio, já está! Às 19 horas estarás com a tua amada.

— Que amada que coisa alguma!... Eu vou no banho. No restaurante, Mirco chegou sozinho.

— Boa noite, pessoal.

— Olá, tudo bem?

— Tudo ótimo.

— Então, e a tua prima? — pergunta Camila.

— Simplesmente não quis vir. Você sabe, essas adolescentes e as coisas estranhas... — mentiu ele.

Cláudio, preocupado, achando que Amália negou o convite por causa do ocorrido entre eles. Exibiu um semblante de quem estava desapontado. Mirco olhou para ele, desconfiado do que quer que fosse, acrescentou sorrindo:

— Disse que estava indisposta.

— Não há problemas, é que Cláudio não quer ficar de vela nesse jantar, fui eu que insisti que viesse e que teria companhia, caso contrário, não vinha.

Sobre a mesa, para quebrar o desconforto, o telefone de Cláudio emite um som estranho, era uma mensagem.

— Ah que pena, terei que abandonar o barco agora porque a minha namorada enviou-me uma mensagem.

— E porquê que não a convidas para vir jantar connosco Cláudio? — sugeriu Mirco, no calor do momento.

— Podes ir, Cláudio, não faz mal algum — respondeu Camila, querendo despachá-lo, pois esta sabia perfeitamente que Cláudio não tinha nenhuma namorada e inclusive foi ela quem enviou a mensagem, tendo escrito:

“Lamento mano. Pede licença e podes ir para casa, conversaremos depois, eu me aguento com esse chato.”

Após o jantar, Mirco e Camila foram a um hotel e fizeram amor. Os dois na cama, esforçaram uma conversa:

— Sabes a quanto tempo não me sinto assim... completo?

— Não faço a mínima ideia.

— Muito muito-muito-tempo. Nunca mais fiz amor assim com tanto fogo, Camila, tu me fizeste renascer.

E mil e uma outras expressões de amor, típica de homem apaixonado ou de qualquer outro com uma boa lábia, foram feitas naquela cama.

Em casa, ao entrar, pela luz rompendo os limites da porta e o som de música, Camila sabia que seu irmão ainda estava acordado e gritou com doçura na voz:

— Vou já dormir, rapaz.

— Camila, sobe ainda aqui no meu quarto.

— Diz...

— Tu tens de dar outro jeito de convidar o Mirco para qualquer coisa e trazer a Amália.

— Sabes o que descobri hoje?

— Diz já, não sei, porque quem descobriu foi você!

— O Mirco admitiu que está apaixonado por mim. Já sabia, mas mesmo assim estou surpresa. Ele é meu chefe, é o dono daquela clínica.

— Oh, não me interessa se é dono de quê, eu quero é a Amália. Podemos usar essa paixoneta dele para encontrarmos a Amália, não é?

— Sim, claro, porque não? Afinal, tal garota me soou esquisita, preciso mesmo conhecê-la bem.

Desta vez, o bip da mensagem cai no telefone de Camila. Ela destranca a segurança e lê entre os dentes:

“Amor, quando é que vamos passear só nós os dois? Passarmos o dia todo juntinhos?”

Ela escreve como resposta:

“Para aonde?”

“Praia!”

“Se eu for a praia, tenho de ir com o meu irmão. E ele só vai se tiver companhia...”

“Ele pode levar a sua namorada.”

“Ela viajou hoje. Que tal se trouxeres a tua prima? Mesmo que eles não fiquem lá na praia conosco, que ao menos eles dois dêem um passeio, aliás, não tens porquê ter medo porque ele é muito responsável e tem namorada.”

“Boa ideia, vamos então no sábado de manhã.”

E despediram-se.

De tanto espanto, Cláudio nem acreditava na incrível saída que acabara marcando, ao ponto de Camila ter que mostrar a conversa por SMS para tal fim.

Passaram-se os dias, até um dia antes de sábado. Cláudio não se aguentava de tanta ansiedade para que chegasse o sábado, tal como o Mirco, porque ambos precisariam entreter as acompanhantes.

O LIVRAMENTO QUE SE APROXIMA

FINALMENTE O SÁBADO. Mirco preparou o seu calção de praia. Amália colocou uma bermuda jeans, blusa de alças e sandália simples, bem como prendeu em um coque o cabelo longo e preto. Ela nem desconfiava que passaria o dia com o Cláudio. Camila comprou um novo fato-de-banho e esperava por Mirco.

“*Pim-Pim*” buzinou o carro de Mirco. Ambos desceram de frente à casa de Camila, Mirco virou-se para Amália e disse:

— Juízo hein, divirta-te!

— Beijjos!

Logo que saiu para descobrir a fonte do barulho do carro bem na frente de sua casa, Cláudio deparou-se com a Camila e Amália na porta de casa.

— Uau, estás linda, Amália.

— Deixa de bobagens, estou simples apenas.

— Simplesmente linda, então. Adoro a tua simplicidade. Vamos subir?

— Claro! Será que tens algum plano para cumprir o dia de hoje? — pergunta ela.

— Sim, muitos planos. Queres comer alguma coisa?

— Não, obrigada. Sem fome...

Como um bom anfitrião, Cláudio conduziu-o pra dentro da casa, tendo subido metade da escada, insinuando subir ao seu quarto, na espera que ela lhe seguisse.

— Não é melhor ficarmos na sala?

— Queres ficar na sala?

— Por mim tanto faz. Só não quero que a sua mãe interprete mal.

Depois de estarem confortáveis os dois, sentados, uma música de fundo e conversa aleatórias para quebrar o gelo, Cláudio retomou à conversa inacabada:

— Então, me conta sua história. Fiquei curioso da outra vez que disseste que aquela foi a primeira vez que saíste de casa. Porquê? Escolha sua?

— A minha história toda, ou só essa parte?

— Melhor toda.

— Não tem nada de especial, só o meu pai superprotetor. Mesma história de sempre. Vivi os meus primeiros 5 anos na Holanda, fui nascida lá, mas não carrego muitas memórias de lá porque apenas ficava em casa com o meu pai. Tudo que eu sei foi o meu pai quem me ensinou.

“Tive várias babás que eram trocadas de ano em ano, nunca entendi o porquê das trocas. Infelizmente, nunca me apeguei a nenhuma delas como mãe. Tive babás até aos 10 anos e hoje, com os meus 18 anos de idade, só fico mesmo trancada em casa com o meu pai, nunca tive contacto com o mundo nem sabia que tinha vizinhos. A primeira vez que saí de casa foi naquele que estive contigo. Ah, e claro... Mirco na verdade não é meu primo, é o meu pai.

— O quê? — interrompeu ele.

— Queres que eu repita ou foi apenas... *han...* como se diz... uma pergunta retórica?!

— Sim, desculpa.

— Ele sempre foi ciumento, egocêntrico, ensinou-me tudo o que sei.

— Segunda vez a dizeres “*Tudo o que sei*”, isso inclui beijar? Porque o sabes e muito bem — brincou Cláudio para quebrar a tensão.

— Beijar, as cores, falar bem, ler, cozinhar, fazer amor, tudo o que sei. Mas nunca me deixou sair daquela casa. Tem muitos guardas, nem sei o verdadeiro significado do que é ter um amigo, viver em família. Eu só via isso na televisão, a minha vida resume-se a *Eu e Ele*.

— Espera aí, disseste que te ensinou a fazer amor... como... como... é? Ter relações sexuais mesmo?

— Sim, isso... é esse o nome que falavam outro dia na tevê, estava mesmo a procura. A primeira vez foi...

— Pare, não me conta como foi, onde foi, e como correu, por favor!

Cláudio é bem estudado. Sabe que Mirco é um criminoso, mentiroso, que praticamente é uma farsa. A Camila nem sabia que ele tem uma filha, e nunca imaginaria que essa tal filha fosse a Amália. O próprio pai privou a liberdade da filha, teve relações sexuais com a pobre rapariga e era difícil para Cláudio digerir uma história dessas.

— Tu nunca tentaste sair de casa sozinha?

— Nunca ousei fazer isso! Aliás, mesmo que eu tentasse, para onde eu iria? Não conheço ninguém, cercada de seguranças, não tinha como!

— Por que nunca tentaste? Se tentasses descobririas um lugar para ir.

— Por esta razão mesmo. E aliás, ele sempre diz que o mundo é perigoso, há nele muita gente cruel.

— Sabias que a crueldade de verdade é o que ele faz contigo?

— O que ele faz comigo de cruel, se só me protege?

Cláudio respondeu:

— Privou-te dos seus direitos como criança. De certeza que não sabes o que é ir em uma escola, supermercado, lojas, parque de diversão, igreja, nem sabes o que é a salvação, cercou sua vida, roubou-te a liberdade, trancou-te entre quatro paredes, violou-te, ainda dizes que ele só te protege? Que protege quem ama. Quem cuida nunca, jamais, faria o que esse *senhor* faz contigo.

Querendo chorar, Amália disse:

— Por que dizes isso? Ele é meu pai, sabe o que é bom para mim, e só quis proteger-me.

Cláudio sorriu ironicamente.

— O teu pai, como dizes, é um psicopata e doente mental, com algum peso de consciência. O teu pai é um criminoso, nem devia ter o prazer de ser chamado de pai. Ele é tudo, menos pai. Porque pai de verdade não faz isso com a própria filha, Amália.

Ele começou a chorar com ela, passou a mão no rosto de tanto nervo e ela disse:

— Pára! Já chega, quero ir embora.

Cláudio acalmou-se.

— Não..., não vá, desculpa! — Deu-lhe um beijo na testa.

Depois de ouvir tudo isso, Cláudio pareceu revoltado, querendo ligar à polícia para denunciá-lo, mas... deixou para lá.

— Preciso de água, por favor.

— Vou pegar.

Cláudio não parava de pensar no que Mirco fez com a Amália desde os primeiros dias de sua vida, ele foi capaz de estuprar a própria filha. Antes não gostava assim tanto

assim de Mirco, agora então, tem boas razões até para odiá-lo.

Chegou na dispensa, bateu com força na prateleira, cheio de raiva, que até Amália ouviu o barulho dos pratos.

— *Que ódio, ódio, ódio, ódio!* — repetia Cláudio, a pensar no que ia fazer, mas de uma maneira que Amália não ficasse brava com ele, pois tornaram-se amigos recentemente. Pegou um copo de água e voltou para onde estava a Amália.

— Está aqui a sua água, chefe!

— Chefe eu? — Amália sorriu.

— Gostarias de dar um passeio comigo?

— Mas é claro que sim, é bom conhecer novos lugares. Para onde vamos?

— Comer um gelado, que calor!

Foram para a hamburgueria Hot Dog. Depois de tanto tempo, após a última estada da mãe e do pai da Amália, Mirco nunca mais voltou para lá. Hoje, por obra do destino, é Amália e Cláudio que vão para lá, tomar banho de piscina e comer qualquer coisa.

Após sair da piscina, Amália sentou-se numa cadeira para observar o Cláudio na água. Pensou: “*é lindo, realmente!*”, não se referindo à beleza de Cláudio, mas ao ambiente onde ela se encontrava, pessoas se divertindo, outras trabalhando... enfim

Cláudio salpicou-lhe com água.

— Volta logo para a água, sua gata!

— *Ha ha ha*, pare com isto, eu já me limpei. Estou começando a ficar com frio.

Saiu da piscina sem enxugar a água do corpo e abraçou ela, dizendo:

— Deixe-me te aquecer.

— Idiota, limpa-te primeiro e vamos comer!

À mesa, depois de terem escolhido dois hambúrgueres no cardápio, e assim matar a fome do corpo. Neste mesmo dia, o dono do estabelecimento estava lá, conversando com os clientes e a saber suas opiniões acerca do funcionamento do mesmo, críticas e elogios visando a sua melhoria. Foi então que o Sr. Sandro, dono do estabelecimento, chega até a mesa do Cláudio e Amália.

— Boa noite, meus senhores, como está sendo o final da tarde?

— Está sendo agradável — respondeu Amália, simpática.

O Sr. Sandro, embora já mais velho, apesar dos óculos, sempre foi um bom observador. Olhou para a Amália fixamente e disse:

— Eu conheço você de algum lugar!

Amália, confusa, diz:

— Eu nunca vim para aqui e nunca me cruzei com o senhor em lado algum!

— É sério, minha jovem. Eu conheço você de lado algum!

— O senhor deve estar a confundir-me, só pode!

— Espera, volto já... — Sem esperar por mais, o senhor retirou-se.

Cláudio olhou para a Amália e perguntou:

— Tens certeza que nunca o viste?

— Nunca!

— Mas ele parecia convicto no que dizia!

— É normal, talvez se enganou. Acontece.

O Sr. Sandro voltou com uma fotografia antiga, onde estava a Dona Anita — mãe de Amália, a verdadeira Amália

—, a Amália, e o Mirco. Apontando cada um, Amália reconheceu o Mirco e disse:

— Este é o meu pai!

— E essa é a Amália, que é muito parecida contigo. Pareces até ela, muito, como se estivesse se escondido em uma cápsula contra a passagem do tempo. É sua mãe?

Recebeu a foto ao Sr. Sandro e respondeu:

— Não sei, não conheci a minha mãe.

— Não? — perguntou, surpreso. — Como assim? E o seu pai?

— O meu pai sim, só ele e mais ninguém.

O senhor coçou sua cabeça desprovida de cabelo.

— Será que posso sentar um pouco com vocês? — perguntou por fim.

— Mas é claro!

— Como te chamas, minha jovem?

Soluçando, agarrando a mão de Cláudio, respondeu:

— Amália!

O Sr. Sandro pôs a mão à testa, esfregando-a, organizando as ideias.

Começou por dizer:

— Menina Amália, quando era mais jovem, eu vivia com muitas dificuldades. Consegui alugar um cantinho com algumas economias que consegui, a minha primeira cliente foi uma jovem simpática, a Anita, esta da foto, que depois passou a ser minha namorada. Três anos depois do namoro, na escola, ganhei uma bolsa de estudos que me levou à Rússia. Apercebi-me que Anita esteve grávida e deu à luz, me enviou uma foto dela. Anita disse ser minha filha, pelo que enviava uma soma de dinheiro mensalmente para eles.

“Depois de mais um tempo, acumulei os meus salários e reformei o meu estabelecimento para regressar cá em Angola e criar isso aqui. — Ergueu as mãos. — Quando regresssei, Anita disse-me que Amália viajou com o namorado para a Holanda. De vez em quando ligava. Dois anos depois Anita morreu, perdi o contacto com a família, e agora estamos aqui...

— Sim.

— Podes dar-me um abraço, neta?

Amália levantou-se e abraçou o seu avô. O hambúrguer chegou e ela disse:

— Podes comer, Cláudio, pois eu perdi a fome!

— Há de estar. Pedirei para embrulharem para levar pra casa e pagar a conta, já que está feito.

— Que conta? — perguntou o dono da Hot Dog, o avô de Amália, em um tom enfurecido. — Deixa disso! Isso é tudo herança dela. Estou muito emocionado por ter encontrado a minha neta. E como é que anda o seu pai? Não tens notícias da tua mãe?

— O meu pai está óptimo! Mas a minha mãe morreu no dia do meu nascimento, assim disse o meu pai.

— Diz ao teu pai que eu gostaria muito de vê-lo, para saber mais sobre minha filha.

— Há um pequenito problema, é que ele ficaria furioso se descobrisse que saí do lugar onde ele me deixou, melhor não.

— Como assim ele não te deixa sair?

— Melhor eu ir embora. Vamos, Cláudio. Está tarde.

Cláudio passou o seu contacto ao Sr. Sandro e foi-se embora com a Amália.

No carro, Amália não parava de pensar. Disse:

— Tudo que começa bem termina sempre mal.

Chegaram na casa de Cláudio 10 minutos depois, Mirco e Camila chegaram logo a seguir. Cláudio e Amália olharam para Mirco com um ódio profundo, mas ele não conseguiu notar e perguntou:

— Divertiram-se muito, Amália?

Para esconder o seu ódio, sorriu e respondeu:

— Sim, muito, podemos ir embora?

— Claro, claro. Vai pegar a sua bolsa.

Foi ao quarto de Cláudio, aproveitou despedir-se de Camila com dois beijos.

— Cadê minha bolsa, Cláudio?

— Na cómoda, podes ir pegar.

Antes de se ir embora, Cláudio colocou um telemóvel na pasta de Amália e prometeu ligar-lhe.

Amália andou dois metros, voltou e deu um forte abraço ao Cláudio e foi embora.

Passadas horas, Cláudio não ligou, pois estava sem carga no telemóvel, e pela manhã não conseguiu ligar porque Amália sem querer colocou o tablet no modo voo e acabou a carga, tendo guardado no fundo da mala. Ninguém falou com ninguém. Cláudio ficou novamente sem contacto com a Amália.

Cinco dias depois, o telefone de Cláudio chamou:

— *Alô, boa tarde!*

— *Boa tarde sim, com quem falo?*

— *É o Sr. Sandro, ainda lembra de mim?*

— *Sandro de onde?*

— *Da hamburgueria Hot Dog, lembra?*

— *Ah, sim, sim, sim, pode falar!*

— *Gostaria de encontrar-me novamente contigo e com a minha neta, creio que seja a sua namorada, estão disponíveis para hoje?*

— *É possível encontrarmo-nos os dois, e tenho muito para conversar com o senhor. Mas ela não está disponível, nem para mim, se assim posso dizer.*

— *Está bem, então daqui a três horas, nos encontraremos no endereço que te mandarei por correio electrónico.*

— *Está bem.*

UM ENCONTRO REVELADOR

OS PONTEIROS DO RELÓGIO marcavam 17:30. Cláudio chegou, encontrando o Sr. Sandro no lugar marcado.

— Boa tarde!

— Tudo bem, rapaz?

— Sim, e presumo que o senhor me convocou para saber mais sobre a Amália, não é?

— Claro, senta-te, vamos conversar.

— Tu és muito amigo da Amália?

— Acho que sim, pois, sou o primeiro e único amigo dela. Ela não conhece mais ninguém para além de mim, de Mirco, e um pouco a Camila, minha irmã. Mas nos conhecemos há pouco tempo. Como ela própria diria, esteve *aprisionada* o tempo todo.

— Como assim aprisionada?

E Cláudio contou-lhe toda a história, *tintim por tintim*.

— Meu Deus! Quanta crueldade. Ele é um psicopata, deve sofrer de alguma perturbação mental. Por isso ela ficou estranha quando quis falar com o nojento.

— Sim, e o pior é que ela não tem coragem de fazer nada contra o pai, não quer nem tocar no assunto de denúncia!

Sr. Sandro, já revoltado, diz:

— Eu sou o avô dela. Já não precisará fazer queixa nenhuma. Farei sem o seu consentimento, sou adulto para isso, vou acusá-lo de sequestro, incesto, violação dos

direitos humanos, de todas as barbaridades que me vier na mente quando lá estiver.

— Quero ajudar, mas devemos fazer isso com calma, precisamos de provas.

— Apetece-me saltar no pescoço daquele canalha.

— A mim também, mas não é isso que faremos. Faremos o seguinte, senhor: o Mirco está a namorar a minha irmã Camila, vou falar com ela, acredito que conheça na casa dele, e depois dar-lhe-ei um sinal, para traçarmos um plano infalível.

— Está bem. — disse ele — Quero isso ainda hoje.

OS DADOS ESTÃO LANÇADOS

EM CASA, CLÁUDIO ESPERAVA Camila voltar do serviço por longas horas. Quando ela chegou, os dois irmãos tiveram uma conversa sobre a fome avassaladora que Camila sentia, alegando ela que no estado actual comeria dois bois de tão faminta. Depois de ela se trocar, entrou na cozinha para ver o que havia quando foi interpelada pelo Cláudio.

— Eu gostaria de não ter essa conversa, mas parece-me algo inevitável, uma hora ou outra descobririas. Tu sabes que a Amália não é prima do Mirco, sim?

— O que queres dizer com isso? — perguntou ela, distraída, esquentando a comida micro-ondas.

— Estou a *dizer* que o Mirco é pai da Amália!

— Desde o dia da festa que ficou claro que não foste com a cara dele, mas não era pra tanto. Embora não ame ele, não acho justo estares a...

— Não, não, isso não é nenhuma brincadeira, Camila. Ele é o pai da Amália! — interrompeu ele, e hesitou antes de dizer o que se segue: — E tem tido relações sexuais com a própria filha.

O prato que Camila segurava neste momento seguiu rumo ao chão onde se desfez em um milhão de pedaços. De certo, não lhe caíra nada bem o que terminara de ouvir.

— Só me diz que essa porra não é verdade... que não passa de uma invenção tua porque — disse ela, sem conseguir concluir o pensamento, com os olhos a brilharem de curiosidade e lágrimas.

— Definitivamente, no mínimo, Mirco deve ter um problema de saúde, e dos graves. Deixe que eu te conte a história da amarga inocência de Amália...

E contou.

— *Eu fui pra cama com aquele lixo... Eu fui pra cama com aquele lixo...* — repetia Camila.

— Como te disse, do encontro com o avô dela planejamos algo e precisaríamos da tua ajuda. Conheces a casa do Mirco, não é?

— Sim. — Ela limpou as lágrimas com as costas das mãos, se sentindo determinada a arruinar a vida daquele merda como se tivesse tido uma visão espiritual que se tornaria agora seu plano de vida.

— Qualquer prova física e o nosso testemunho bastaria para pôr aquele carrasco por trás das grades pelo resto dos seus dias.

Depois do plano todo organizado entre eles, foram à polícia na semana seguinte.

Como parte do plano, Camila fez a primeira denúncia contra Mirco. Sem quaisquer provas físicas ou a lesada para confirmar tal facto a fim de continuar uma averiguação mais profunda, os policiais ignoraram tal queixa.

A segunda denúncia — sobre o mesmo assunto — foi feita por Cláudio. A polícia pediu uma prova concreta, como o lugar onde a vítima se encontrava, por exemplo, dados que segundo o plano dos três chegaria a hora exata para declarar.

E chegou quando, na quarta-feira, o Sr. Sandro denunciou Mirco por sequestrar a sua neta e mantê-la em cárcere privado sob condições que desrespeitavam todos os direitos humanos.

Como era de se esperar, a fama do Sr. Sandro na pessoa de dono da Hot Dog e o facto de ser o terceiro a levantar uma acusação contra o mesmo homem, chamou a atenção da polícia, pois é raro ser coincidência ou engano em acusações duplas ou... triplas, como é o caso.

Eles disponibilizaram um agente para mais averiguações, e a mesma investigação veio a ter progresso três dias depois, no sábado.

Pois é tudo como dizem os sábios africanos: “*Não se come jinguba roubada de baixo do mar sem que esta te denuncie*”.

No já referido sábado, Camila ligou para Mirco:

— Alô, amor?

— Ah, és tu, que bela surpresa!

— Estou cheia de saudades — disse ela, naquele jeito feminino de quem não quer a coisa.

— Deixe que eu venho aí.

Outra vez recorrendo aos misteriosos jeitos femininos, Camila disse que Cláudio tinha enchido a casa com amigos e que ela precisava de... *privacidade* com *ele*. Sugeriu passar na Hot Doge e ir, a seguir, em sua casa e terem os dois um dia como nunca tiveram. Por mais provas de crimes que se ache no conforto de seu lar, como era de se esperar, que o primeiro homem a recusar tal proposta atire a primeira pedra!

— Eu simplesmente *adorei* a ideia, amor. Vai ser fantástico.

Depois de finalizar a chamada, Mirco gritou como um louco:

— Amália!

— Sim, *amor*. O que foi?

— Nada não, só achei que não estivesse aqui.

— Já posso ligar o televisor?

— Nenhum líquido exposto a qualquer químico continua sendo o mesmo. Você é pura, amor. Eu te preparei para um paraíso perfeito, longe da maldade do mundo; não posso deixar que uma mera tevê arruíne a tua felicidade com a imagem do mundo violento.

Cabisbaixa, Amália responde:

— Está bem. — E saiu correndo para se trancar no quarto.

Quando entrou na casa a primeira coisa que Camila reparou foi que estava toda ela arrumadinha e com o ar bem perfumado. Depois de notar a ausência de Amália, perguntou por ela, pelo que Mirco respondeu:

— Ainda não saiu do quarto desde manhã.

Mas é claro que Camila sabia que isto era uma mentira, ou no mínimo, uma desculpa para evitar vê-la. Mas porquê? Muitas possibilidades. Poderia mesmo ainda estar a dormir se se desse o caso de ele ir deitar-se com ela na noite passada e tivessem uma noite intensa de sexo, ou ele bateu ela e escondia os hematomas, e outras infinitas possibilidades que as aplicar a Mirco já não parecia impossível. Ela chegou a se perguntar de onde vinha a coragem em estar sob o mesmo teto com um homem como ele.

À mesa, depois de comerem, em suas subtilezas Mirco começara com as suas preliminares. Beijara de leve o longo e prazeroso pescoço de Camila que quando se deu conta já estava no quarto de Mirco, mas ainda vestida.

Com um sorriso cacofónico ela avisou que precisava usar o banheiro, o que a mente perversa de Mirco talvez tenha entendido como um sinal de que ela viria nua, toda pronta para ser possuída por si, e disse que esperaria ansioso, e ela deixou, hirto, na cama.

Sentada no chão húmido com as costas repousando na parede, se contendo para não verter nenhuma lágrima e manchar a maquilhagem e condená-la ao fracasso da missão, Camila retirou de sua bolsa o telemóvel e encaminhou uma SMS já pronta para os três contactos marcados. O conteúdo dizia:

“Só mais 10 minutos”

Ao ouvir a porta da sala sendo aberta, Mirco Oséias não ficou indiferente ao barulho e vestindo-se, desceu as escadas para saber do que se tratava.

— O que é isso na minha casa?

— Controle o tom, por favor, senhor. Não lhe queríamos incomodar. Só estou a fazer o meu trabalho. Vim ter com a Amália, ela está? — disse o agente Ricardo.

— Amália? Porquê?

— Foi uma pergunta direita e respeitosa, senhor. Esperaríamos o mesmo na resposta. Ela está? Cadê ela?

Impaciente, Cláudio começou a gritar pelos cantos da casa:

— Amália! Amália! Onde estás? Amália! Amália! Onde estás? Amália...

— Vocês não podem invadir assim a minha casa. Eu vou chamar os meus seguranças. — disse Mirco, furioso. Ele tentou sair para chamar os seguranças, mas foi travado pelo agente Ricardo. Camila desceu logo a seguir.

Do quarto, ao ouvir a voz do Cláudio passando de fininho pelos cantos da porta se tornando cada vez mais aguda, Amália despertava do sono, mas com a sensação de ainda estar nele. Quando acordou totalmente, saiu despreparada para o grito que a invocava e achou, no centro da sala, cinco rostos dentre os quais quatro ela bem conhecia. Pelo uniforme do desconhecido e o metal inconfundível que carregava na cintura, a inocente rapariga teve os seus palpites sobre o que se tratava a visita que se jogou ao abraço com Cláudio, este que a recebeu com um sorriso cansado.

— O que vocês fazem aqui? Como chegaram? — perguntou ela, não obtivendo nenhuma resposta por ser demasiado óbvio.

Foi assim que Mirco foi detido como suspeito de vários crimes, o que seria confirmado com os factos apurados. Enquanto isso, levado pelo carro da polícia, as condições desumanas da esquadra lhe aguardavam.

— Missão cumprida! — disse Camila, antes de se retirar da vasta casa, e piscou os olhos ao irmão.

Depois de um silêncio constrangedor causado por sua saída, Sr. Sandro quebrou o silêncio dizendo:

— Não tens com o quê te preocupar, eu vou cuidar de ti. *Vamos* proteger-te dos perigos do mundo, eu e o teu namorado.

— Meu namorado?

— Eu! — disse Cláudio.

E beijou-a.

BEM-VINDA AO MUNDO

AO ANALISAREM A CASA em busca de provas dos crimes acusados ou provas que dessem indícios de perturbações mentais, os agentes acharam o quarto de Amália normal como o das demais garotas angolanas. Porém, não se pode dizer o mesmo do quarto dos fundos, onde foram encontradas quantidades inacreditáveis de droga.

No tribunal, as queixas foram feitas de modo a se evitar que aquele patife visse outra vez a luz do dia. Entre outras coisas, Mirco foi acusado por violação dos direitos humanos e das crianças; escravatura (encarceramento); abuso sexual de menores. A própria Amália, depois das conversas com o seu namorado, convenceu-se a testemunhar contra o pai perante o tribunal do que ele lhe fizera, o que levou o tribunal a pedir uma análise psicológica profunda do réu.

Um dos advogados de Mirco pensou até em usar como defesa o facto de que o incesto não era punível por lei no país, visto que Amália quase que já era maior de idade.

São consideradas incestuosas, geralmente, as relações sexuais entre pais e filhos, entre irmãos ou meio-irmãos, entre avós e netos, entre tios e sobrinhos. Portanto, o incesto é um assunto remoto e grande. Fazer ou praticar relações sexuais com o próprio filho ou filha, sobrinho ou sobrinha, tio ou tia, pai ou mãe, sogro ou nora, enfim, pela Lei Angolana, não é crime. O crime na matéria é somente ter feito ou praticado o coito com uma pessoa menor de 18 anos, como descreve o Artigo 392.º do Código Penal

Angolano (Estupro), ou como clarifica o Artigo 393.º do mesmo Diploma Legal (Violação Sexual).

Mas Amália testemunhou que o pai começou a tocá-la ainda com 17 anos.

Conforme o julgamento prosseguiu, a conclusão do tribunal foi que, devido ao facto do réu não estar em suas completas faculdades mentais enquanto cometia tais atrocidades, deveria imediatamente ser encarcerado num Asilo Psiquiátrico.

Nas semanas que se seguira, apesar do grande somatório de dinheiro que agora possuía, Amália demonstrava uma tristeza profunda e acordava gritando no meio da noite. Seu avô, preocupado, usou os bens que possuía para achar quaisquer meios que amenizasse tamanha dor que via em sua neta querida. Igrejas. Quimbandas. Psicólogos.

De um lado da mesa repleta de comida jazia a mãe de Cláudio e Camila, Srta. Danina, servindo o prato do seu eternamente garoto Cláudio. Do outro lado, o dono da Hot Dog comia uma porção de carne de modo guloso, ignorando as regras de ética. Paralelamente, estão Cláudio e Amália, constrangidos por estarem perante figuras já experientes, como se tivessem feito algo de errado.

Não tardou para que a campainha tocasse e pela porta da frente entrou Camila e um rapaz de nacionalidade estrangeira, o qual sabemos agora ser namorado de Camila.

Quando Cláudio e Amália olharam para eles, apertaram as suas mãos fortemente em sinal de

agradecimento por a vida os ter unido, sentindo assim o calor aconchegante de suas palmas juntas.

Amália soube então que, não importava mais onde se encontrasse, contando que fosse com Cláudio, daria para chamar de casa.

E renderam graças por isso.

FIM.

Júlia Cusseba Bragança
Luanda, Angola
06/2018

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos são direcionados ao Pai Celestial por cuidar de mim e de todos à minha volta.

Às minhas mães: Maria De Fátima Francisco Cusseba e Maria Júlia Pedro Cusseba, minhas grandes motivações. Aos meus pais, irmãos de modo geral, primos, sobrinhos, e a todos que puderam passar por mim e deixar um pedacinho da sua vida para o preenchimento das minhas vivências.

Os meus agradecimentos especiais vão ao meu Orientador da Escrita que me motivou a criar os meus primeiros passos literários Anacleto Quaresma e Inocêncio Lumbongo.

Ao meu professor e Colega Catarino Luamba por tudo que me tem proporcionado.

À família que eu pude criar laços muito fortes no Colégio A Luz do amanhã (CEPLA).

Aos meus colegas/amigos que a UAN me brindou.

À Styanet Nilsa Francisco Vanduno, especialmente que além de um guia é uma mulher forte e destemida (minha querida irmã).

Se citar um por um dos meus irmãos, não chego ao final, então os meus agradecimentos são de maneira extensiva a todos.

E por último, mas não menos importante, à Mar Morto - Editora, por dar vida à minha primeira obra.

SOBRE A AUTORA (Curiosidades)

Eu sou a Júlia Bragança, hoje com os meus 21 anos, graças à extensão da minha lista de contactos estou a lançar a minha primeira obra literária em formato digital, com muita honra e orgulho de mim mesma.

Sobre o manifesto daqui que eu escrevo, já houve o interesse de outras pessoas quererem comprar os meus direitos autorais, mas por ser uma jovem muito comunicativa, tudo que me inquietava eu procurava ouvir a opinião da minha mãe (Maria Júlia Pedro Cusseba) a quem eu devo maior parte do meu ser.

Ela fez-me entender que: pode ser tarde, mas o seu dia de concretização vai chegar. Não venda está parte de ti, porque assim estarás vendendo o teu Sonho, a tua essência. Quando eu comecei a escrever, eu não tinha bases nenhuma sobre literatura, mas mesmo assim, eu pensei no foco é comecei a escrever. Sem organização, sem estética nenhuma, mas eu escrevi.

Posso não conhecer o valor nutritivo de os ingredientes, mas sei confeccionar uma boa comida porque conheço a base para uma boa culinária, o amor que se tem por ela.

Tenho escrito vários textos para distração e transmissão de valores, algumas vezes somos julgados por aquilo que escrevemos, mas não nunca temi por isso, eu gosto quando notam aquilo que fiz, seja correcto ou errado. Pois, eu existo!

Quando faço uma avaliação do meu crescimento pessoal, do meu amadurecimento, não só com testemunhos, mas a minha autoavaliação me transparece

um ser que conhece as suas falhas e procura melhorar oportunamente.

Reconheço que sou uma pessoa super carismática, mas nunca fui alguém que procura a aceitação alheia onde requer ajustamentos daquilo que sou.

Quem me conhece sabe que sou uma pessoa persistente e acima de tudo, dona de mim.

Num conto geral, eu sou uma pessoa super simples, mas cheia de brilho e vaidade, modéstia à parte. Primo sempre pelos cuidados pessoais porque quando olhamos para alguém a imagem dela deve nos transmitir alguma coisa, e eu não gosto de ser confundida, tenho as minhas características individuais e espero que os outros se conheçam tal como eu me conheço e me aceito.

Contactos do autor:

Facebook: [Júlia Bragança](#)
WhatsApp: [924847017](#)

E-mail: carinasilvabraganca@gmail.com
Instagram: [@juliabraganca20](#)

Baixe estes e outros livros aqui:
marmortoeditoraografica.blogspot.com

